Entre portas abertas: memória coletiva e formação de si em narrativas biográficas de um alojamento universitário

Between open doors: collective memory and self-formation in biographical narratives from a university residence hall

Adriana Nunes de Souza
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
Seropédica, RJ
adriananunessouza@gmail.com
https://orcid.org/0000-0002-1919-3338

Recebido em: 29 de março de 2026
Aceito em: 29 de agosto de 2026

Resumo:

Este artigo a partir de uma abordagem etnográfica autobiográfica analisa a sociabilidade vivida no alojamento estudantil da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro como um espaço formador de identidades individuais e coletivas, no qual memória, materialidade e convivência operam como dispositivos centrais de produção de pertencimento. Dialogando com Halbwachs, vemos a memória socialmente construída, enquanto com Rocha e Eckert pensamos a memória coletiva como duração, fabulação e experiência imaginada. As reflexões de Reinheimer permitem analisar a residência estudantil como uma forma social moralmente regulada, nas quais se ensaiam processos de inclusão /exclusão. O texto também contextualiza a experiência do alojamento no processo de expansão e diversificação institucional da UFRRJ, destacando os impactos das políticas de acesso e permanência sobre o perfil discente. Ao articular memória, trajetória e materialidade, sustento que o alojamento não se reduz a uma política assistencial, mas configura um corpo coletivo no qual experiências individuais se tornam narráveis e inteligíveis produzindo marcas nas trajetórias das ex-moradoras.

Palavras-chave: Memória Coletiva. Trajetória. Alojamento Estudantil. Etnografia. Materialidade.

Abstract:

Using an autobiographical ethnographic approach, this article analyzes the sociability experienced within the student housing at the Federal Rural University of Rio de Janeiro (UFRRJ) as a space that shapes individual and collective identities—a space where memory, materiality, and daily coexistence serve as central mechanisms for fostering a sense of belonging. Drawing on Halbwachs, we view memory as socially constructed, while, following Rocha and Eckert, we conceive of collective memory as duration, fabulation, and imagined experience. Reinheimer's reflections allow us to examine student housing as a morally regulated social form, within which processes of inclusion and exclusion are enacted. The text also contextualizes the housing experience within the broader process of institutional expansion and diversification at UFRRJ, highlighting how policies regarding access and retention have shaped the student profile. By interweaving memory, personal trajectory, and materiality, I argue that student housing is not merely a form of social assistance; rather, it constitutes a collective body in which individual experiences become narratable and intelligible, leaving a lasting imprint on the life paths of former residents.

Keywords: Collective Memory. Trajectory. Student Housing. Ethnography. Materiality.

Introdução

Este artigo analisa como a sociabilidade vivida no alojamento estudantil da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) constitui identidades individuais e coletivas, produzindo formas específicas de pertencimento, memória e reconhecimento mútuo. Mais do que um espaço de moradia temporária, o alojamento emerge, nas narrativas e lembranças compartilhadas por suas ex-moradoras, como um território de experiências, no qual práticas cotidianas, rituais informais, afetos, conflitos e materialidades operam como dispositivos centrais na produção de sentidos sobre si e sobre o outro. Como propõe Patrícia Reinheimer (2026), interessa pensar o papel das coisas na constituição de estilos de vida, compreendendo, por exemplo, a roupa não como um elemento isolado, mas como parte de uma teia mais ampla de materialidades que conformam modos de existir no mundo. No alojamento, são essas coisas aparentemente banais: o sofá da sala, a ausência de televisão, os quadros pendurados que participam ativamente da produção de pertencimento e distinção.

A experiência do alojamento se configura como um espaço atravessado por jogos de memória, deslocamentos identitários e reconfigurações constantes do tempo social. O "antes e depois" da vida no alojamento, frequentemente mobilizado nas narrativas, não indica apenas uma passagem biográfica individual. Aponta também a inscrição dessas pessoas em um regime coletivo de temporalidade que produz marcas duráveis na forma como essas mulheres se perceberão. Além disso, uma forma de narrar e se reconhecer como parte de um mesmo grupo. Tornar-se *ruralina*[1], assim como *ficar haribô*[2] em determinados espaços do campus, não era apenas uma questão simbólica abstrata, mas, como sugere Patrícia, fazem parte de um aprendizado material e corporal compartilhado (Reinheimer, 2026).

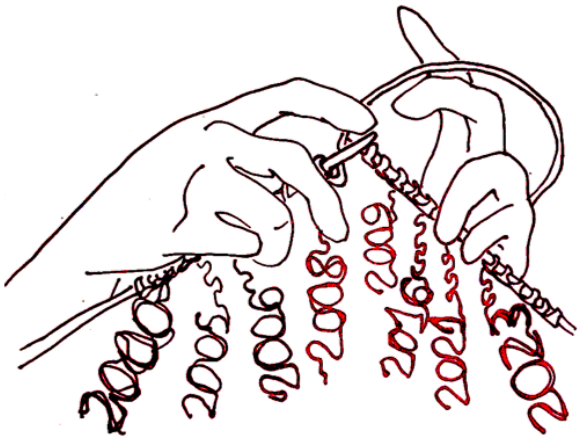
Inspirada pela proposta de Rocha e Eckert (2013), este artigo se insere no campo da etnografia da duração, compreendendo a memória coletiva como um processo ativo, narrativo e imaginativo, no qual o tempo vivido e o tempo pensado se sobrepõem. As

[1] Expressões informais, gírias e jargões universitários serão destacados em itálico e, quando necessário, acompanhados de breves notas explicativas ou contextuais. *Ruralina* e *ruralino* são os termos pelos quais os estudantes da UFRRJ se identificam, expressando um sentimento de pertencimento e a construção de uma identidade coletiva. A ideia de que o ruralino sabe se virar, é desenrolado, relaciona-se à percepção de que a distância da universidade favorece o desenvolvimento de autonomia e capacidade de adaptação.

[2] *Ficar* haribô refere-se ao processo pelo qual estudantes, ao ingressarem na UFRRJ, passam a se aproximar da filosofia agroecológica e a incorporar elementos de um estilo de vestimenta associado à cultura hippie.

autoras propõem pensar as cidades e, por extensão, seus espaços institucionais e domésticos como campos de fabulação, nos quais os sujeitos produzem "topologias fantásticas" a partir da experiência cotidiana.

Figura 1-Tempo fio.



Fonte: Adriana Nunes de Souza. 2026.

Se a etnografia da duração convida a abandonar a ilusão de um tempo linear, também este texto não se submeterá à disciplina dos calendários. Ainda assim, para não perder o fio da meada (ou você, leitor), situarei o arco temporal que orienta esta escrita. O desenho acima reúne algumas das datas mobilizadas no vai e vem deste artigo: 2000, ano que, segundo as memórias reunidas, indica o início do *Fest Girl*, festa organizada pelas meninas do alojamento, da qual trataremos mais adiante; 2006, último ano anterior ao período de expansão universitária relativo ao REUNI[3]; 2008, minha primeira aproximação com o alojamento estudantil; 2009, meu ingresso na UFRRJ; 2016, marco temporal utilizado para o balanço do número de novos cursos criados; 2017, ano da trigésima edição do *Fest Girl*; e 2019, quando o artista visual PV Dias produziu as artes para as camisas do evento, com representações de Ivone Lara e Tina Turner. O percurso alcança meu retorno à UFRRJ, no mestrado, em 2021, e se encerra, provisoriamente, em 2023, com o último *Fest Girl* realizado até então. Não se trata, contudo, de uma narrativa cronológica, a memória prefere o ofício do fio: enreda, desfaz, retorna e

[3] O REUNI (Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais) foi instituído pelo Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007, durante o segundo mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, como política pública federal voltada à expansão e à reestruturação das universidades federais brasileiras.

aproxima tempos, os acontecimentos são contados pelas relações que estabelecem entre si. Dialogando com Maurice Halbwachs (1990), parto do pressuposto de que a memória é sempre socialmente construída. Lembrar o alojamento é pensar com e a partir dos outros. Assim, ao compartilhar fragmentos dessa memória coletiva, o objetivo é compreender como a sociabilidade do alojamento produz identidades participando ativamente da construção do sujeito, funcionando como suporte simbólico para a elaboração de trajetórias individuais e coletivas no interior da universidade e para além dela.

Desenvolvimento

Espacialidade e suas impressões

Havia algo que eu sabia antes mesmo de saber que faria Ciências Sociais: eu queria ir para a Rural. Antes de antropóloga, me defino como *ruralina*. O curso surgiu da observação de um professor de geografia do ensino médio: "*Nossa, é a sua cara fazer Ciências Sociais.*" Como eu não sabia o que era a minha cara, achei ótimo! E o bom é que ele acertou. Minha irmã, Rachel, já morava na UFRRJ; cursava Engenharia Agronômica e naquele ano muitos cursos novos de humanas seriam inaugurados, inclusive o de Ciências Sociais. A Rural se desenhava, então, como uma linha de saída: sair da casa dos meus pais aos dezessete anos, atravessar um portão, mudar de chão. Fui com fome. Antes de qualquer trâmite oficial, decidi conhecer o lugar onde ela morava, o F4: Feminino 4. Um prédio que se anunciava pelo tamanho, pela repetição das janelas, pelo modo concreto como ocupava terreno.

Ao atravessar a porta de entrada, o corpo registrou primeiro o ar. Um cheiro que vinha do chão, das paredes, dos cantos, nada parecia circular. Metal, algo orgânico, algo animal? O corredor se estendia reto, comprido, ladeado por portas iguais, numeradas, uma após a outra. Muitas bicicletas ao lado das portas. Várias só ferrugem, abandonadas há quatro graduações atrás, no mínimo. O piso cinza, a luz branca de hospital vinda de cima, daquela que deixa qualquer sombra em lugares errados, até as adolescentes de dezessete anos, respirando colágeno, tinham olheiras naquela luz. Não havia marcas pessoais nesse trajeto. Portas azuis, paredes branco-sujas. O quarto dela era o último do corredor e parecia não chegar. Eu estava muito animada, passeando naquele corredor

que conduzia, mas não acolhia. Não era limpo o suficiente para parecer asséptico, nem gasto o bastante para parecer com vida. Dentro do quarto, a mesma lógica. Camas alinhadas, cada uma com seu espaço definido, sua escrivaninha, sua prateleira, sua porta do armário. Nada ali indicava escolha; tudo parecia resultado de uma decisão anterior, tomada por alguém distante. Eu estava observando, enquanto por dentro me atravessava aquela agitação típica de quem chega: o impulso de gostar, de se adaptar, de reconhecer pessoas como interessantes antes mesmo de conhecê-las e querer parecer interessante também.

Esse primeiro contato com o F4, em 2008, se inscreveu como uma experiência espacial que, com o tempo, passou a organizar outras memórias. Para Halbwachs, "a estabilidade do alojamento e de seu aspecto interior impõem ao próprio grupo a imagem apaziguante de sua continuidade" (HALBWACHS, 1990: 132). Mesmo quando ocorrem mudanças, a chegada de novas estudantes, a saída de outras, pequenas alterações no uso do espaço, uma nova doação vinda da família de alguém, esses espaços se tornam marcos temporais significativos, organizando tanto a composição do grupo quanto suas narrativas. Em seus relatos a mim, minha irmã confessava uma vivência marcada por muitos conflitos e alguns afetos; o cheiro, ela mesma havia dito, não lhe agradava. Pergunto-me se, sem essas informações prévias, minha caminhada até seu quarto teria produzido as mesmas impressões. Quando efetivamente passei para a universidade no ano seguinte, minha irmã, já estava prestes a se formar, logo, tinha uma posição privilegiada por conta das informações da rede. Dessa forma, me levou em outro quarto, em outro alojamento, para pedirmos uma vaga pra mim, segundo ela: seria a minha cara! Pelo visto, eu era uma adolescente que não tinha nenhum problema em seguir o que me mandavam. Era o F2, em frente ao F4. O corredor conservava a mesma arquitetura do outro, o mesmo molde burocrático; diferia, contudo, no ar que se respirava. Ali havia um cheiro composto de velhice, cera e comida sendo feita. Qualquer pessoa do interior, quiçá qualquer brasileiro, sente-se em casa com cheiro de alho e cebola sendo refogados. É uma das unanimidades do nosso povo.

Nesse alojamento, as bicicletas ficavam fora do prédio, e de várias portas escapavam sons de músicas distintas, plantas na entrada das portas, portas enfeitadas com adesivos e outros ornamentos mostrando a personalidade de cada quarto. Avancei alguns passos e detive-me na porta 109. Minha irmã bateu. Atendeu-nos uma moça de expressão séria, contrastando seus traços doces com voz grave, parecia a guardiã

daquele território. Minha irmã disparou: "*Oi, Julia, essa é minha irmã Adriana*." Acrescentei que gostaria de ver sobre a vaga. Julia respondeu: *"Ahhh, sim. O que você gosta de ouvir?"* Falei: The Corrs (uma banda adolescente que havia lançado um acústico do qual eu estava viciada). A sorte que eu sempre tive apareceu: ela entendeu *The Doors*. Sorriu de leve e disse: "*Entra aí*". Hoje penso, ainda bem que eu não disse Britney Spears!

Lá dentro, explicou-me que havia vaga sim, mas que antes era preciso compreender o funcionamento da casa. Disse-me que ali eram *rock and roll*, que eram uma comunidade, palavra que, naquele contexto, significava sobretudo um sistema minucioso de regras. Havia o dia da faxina, o dia da cozinha; cada uma cozinhava em seu turno, pois não frequentavam o bandejão (restaurante universitário). As compras eram feitas em conjunto; havia, inclusive, o dia do mercado. As funções se sucediam com método administrativo, organizado por tretas anteriores de muitos anos. Convém dizer que eu ainda não tinha vaga alguma. Não fora designada àquele quarto; estaria, como dizíamos, *acochambrada*[4] no quarto. O que estava buscando era uma chance de adaptar-me àquelas regras e, então, enfrentar a sanha burocrática de efetivamente obter a vaga.

A reflexão proposta por Reinheimer (2023) no livro *Desenhando coisas e afetos, a casa que construímos, a casa que nos constrói*, muito ancorada nas formulações de Mary Douglas do artigo *The idea of a home: a kind of space* (1991), insere a casa como uma forma social relacional, processual e moralmente regulada. Nesse enquadramento, a casa se define por sua capacidade de articular vínculos, coordenar presenças e estabilizar sentidos compartilhados ao longo do tempo. Trata-se, assim, de uma comunidade, onde se ensaiam formas de pertencimento, autoridade e exclusão que extrapolam o espaço doméstico e se projetam sobre coletividades mais amplas: a casa como realização de ideias. O lar materializa valores morais, concepções de ordem, hierarquias e noções de correção comportamental. Ao habitar um espaço coletivo, os sujeitos não apenas compartilham infraestrutura, mas também aderem a uma ideia de casa que orienta autorizações e interdições. Conflitos domésticos, portanto, não são

[4] Acochambrar era um termo de uso corrente entre os moradores da residência estudantil para designar o ato de acomodar provisoriamente um estudante em um quarto sem que ele ocupasse oficialmente a vaga. A expressão "tô acochambrado" também era muito comum para designar a condição daquele que permanecia hospedado de maneira informal, aguardando a regularização de sua situação ou a disponibilização de um quarto.

apenas disputas interpessoais, mas embates entre diferentes concepções do que aquela casa deve ser.

E, apesar de tudo ter uma aparência fechada e cheia de regras que o *bichão* (como é chamado quem acabou de entrar) deveria cumprir, também havia muito compartilhamento: "*aí, se você não sabe fazer faxina, a gente ensina; se não sabe cozinhar, a gente faz junto no começo*", porque todo adolescente chega apalermado, dizendo que não sabe fazer nada. E eu não posso negar que realmente foi lá que aprendi a fazer uma boa limpeza. Minha primeira "faxina" no banheiro durou trinta minutos. Passei aquele paninho com desinfetante *mequetrefe*[5] querendo terminar a tarefa e ir beber, ao que Julia me disse quando viu o resultado: "*Meu amooooor, isso não é faxina."*. Ali, tudo era coletivo, a limpeza, a sujeira e os conflitos. Trotes, embates de ideias, atritos de personalidade. Havia uma hierarquia entre o *bichão* e a veterana, que às vezes se manifestava em pequenas violências ritualizadas, quase sempre naturalizadas. Mas essa hierarquia não era fixa. Era móvel, escorregadia. Bastava atravessar certos ritos, sobreviver aos primeiros choques de sair da barra da saia da mãe, para que o lugar ocupado começasse a mudar. No alojamento, essa experiência era intensa. Às vezes bonita, às vezes exaustiva. Estávamos vivendo também um momento de transição da própria universidade. Antes, predominavam as futuras engenheiras, agrônomas, florestais. De repente, começaram a chegar: cientistas sociais, jornalistas, psicólogas. Gente de outra geração, outras ideias, outros jeitos de ocupar o mundo. E isso bagunçava tudo em uma ambiguidade de sentidos.

[5] *Mequetrefe* é aqui empregado no sentido de algo ordinário, pouco eficaz, de qualidade duvidosa. O termo acrescenta à descrição da faxina uma dose de autodepreciação retrospectiva: à época, eu ainda não sabia que aquela passada de pano estava mais próxima de um gesto simbólico de limpeza do que de uma faxina propriamente dita.

Figura 2- (1) Fim de tarde no alojamento 109, em 2016; (2) alojamento 101 no mesmo ano, com as portas abertas para o corredor, evidenciando a intensa circulação de pessoas; (3) desenho de 2017 representando Amanda enfeitando a porta do quarto ao lado com margaridas do mato, no dia da defesa de TCC de Fernanda Puchineli.



Fonte: Acervo da autora.

Transformações institucionais da UFRRJ

Essa transformação no cotidiano do alojamento e na composição dos seus moradores não era fortuita, mas expressão de um processo mais amplo de reconfiguração institucional da UFRRJ. A partir dos anos 2000, especialmente com a adesão ao REUNI, a universidade ampliou significativamente sua oferta de cursos, incorporando áreas das Ciências Humanas e Sociais e diversificando o perfil discente, historicamente vinculado às ciências agrárias (DA COSTA SILVEIRA, 2011). Esse movimento foi acompanhado pela expansão das matrículas, pela adoção de políticas de ação afirmativa e pelo ingresso majoritário de estudantes oriundos de escolas públicas e de famílias de baixa renda, mudando a concepção da universidade que inicialmente foi pensada para uma elite agrária (tendo até a lei do boi em que uma porcentagem de vagas era destinada aos filhos de fazendeiros) e firmando uma universidade mais voltada para profissionalização de jovens das regiões circundantes. Entre 2006 e 2019, a UFRRJ passou de 6.684 para cerca de 24 mil matrículas, praticamente triplicando seu corpo discente, enquanto o número de cursos de graduação aumentou de 28 (2006) para 57

(2016), com forte crescimento nas áreas de Ciências Humanas e Sociais. Em 2009, ano do meu ingresso, 67,2% dos estudantes foram oriundos de escolas públicas e 78,2% possuíam renda familiar per capita de até 1,5 salário mínimo, o que intensificou a pressão sobre as políticas de permanência, especialmente a moradia estudantil. (OLIVEIRA, 2022). Nesse contexto, o alojamento passou a concentrar estudantes de trajetórias sociais, geracionais e acadêmicas distintas, tornando-se um espaço central de convivência, conflitos e construção de pertencimentos (DO NASCIMENTO, 2019). Mais do que infraestrutura, esses espaços operam como dispositivos de hospitalidade pública, nos quais se articulam acolhimento, sociabilidade e redes de apoio fundamentais para a permanência acadêmica (DE MATTOS et al., 2025), ao mesmo tempo em que participam da produção de uma identidade territorial e afetiva própria da UFRRJ, forjada na circulação de corpos, saberes e experiências diversas (LIMA; DA SILVA, 2020). Na Rural, fica muito claro que a experiência do alojamento não se limitava a um espaço de assistência; ela funcionava como um campo de negociações sociais e afetivas, disputado inclusive por aqueles que poderiam optar por outros lugares. O campus, com suas árvores e espaços arborizados, constitui um microcosmo dentro de Seropédica, verdadeiro oásis.

Figura 3- Conjunto de fotografias pessoais realizadas na UFRRJ em diferentes anos, reunidas para evidenciar os atrativos da moradia estudantil no campus. A ausência de registros da cidade de Seropédica no acervo pessoal para fazer um comparativo diz muito.



Fonte: Acervo da autora.

Ao retornar para o mestrado, em 2021, fui ávida para encontrar novamente o alojamento, mas agora ele estava quase deserto. A ausência de pessoas transformou o espaço: os corredores frios, a falta de café, a ausência de música e de vozes denunciavam um deslocamento das práticas que antes o animavam. Bater na porta e não encontrar ninguém era também perceber o desaparecimento das rotinas coletivas que estruturavam o lugar. Até a última visita, a porta de entrada para o corredor estava trancada, materializando o esvaziamento. O alojamento, que outrora fora altamente disputado, era agora um campo de memórias e de presenças ausentes. Conversei com algumas estudantes: preferiam ir e voltar todo dia para a casa dos pais ali pela região; outras mais antigas informaram que, após a pandemia, a procura pelo alojamento diminuiu muito e com o vazio propagou-se um sentimento de insegurança. Não cheguei a investigar essas causas. Contudo, me pareceu um contrassenso, pois fazer faculdade é sobre livros, teorias que expandem a cabeça, mas também é sobre convivência. É viver longe dos pais, longe do quarto de sempre, longe do conhecido. É aprender a existir com o que é diferente e, muitas vezes, com o que incomoda.

Fest Girl, memória e fabulação

O quarto onde vivi não era exatamente um quarto. Era um organismo vivo, um pequeno sistema de sobrevivência afetiva. Eram três portas sempre abertas, 101, 102 e 109, formando um complexo triangular onde tudo circulava: corpos cansados, colchões, dinheiro emprestado, roupas, comida, segredos. Se alguém precisava dormir, dormia. Se precisava de ajuda, havia. Como sintetiza Patricia Reinheimer (2026) através da ideia inicial de Ingold (2015), as trajetórias femininas carregam consigo a marca das alianças, afetos, amores, compartilhando suas artimanhas com redes de apoio que constroem o mundo como malhas, diferente das trajetórias masculinas que são comumente apresentadas como individuais. Mas, junto com o acolhimento, vinha a cobrança, o olhar atento, a vigilância difusa, a exigência constante de enquadramento. Talvez tenha sido ali, naquele emaranhado de portas abertas, que compreendi que crescer não é apenas sair de casa, mas aprender a habitar espaços coletivos sem desaparecer dentro deles. Uma das obrigações centrais daquele universo era a organização do *Fest Girl*, a última grande festa do período, realizada após a época das optativas. As meninas do alojamento organizavam o evento, que foi conhecida durante alguns anos como a única festa feminista da Rural. Se, nos primeiros momentos, o *Fest Girl* se vinculava a um feminismo mais liberal, centrado sobretudo na liberdade sexual e na afirmação da posição da mulher, gradualmente passou a incorporar discussões sobre classe, raça e desigualdade, aproximando-se de um feminismo interseccional. Essa transformação pode ser observada, inclusive, nas camisas da festa. Em cada edição, uma mulher estampava o evento. A primeira camisa, Betty Boop foi em 2005; depois, imagens de mulheres sem referência a uma figura específica; em seguida, nomes como Janis Joplin, Rê Bordosa, Rita Lee, Dorothy, Carmen Miranda, Elis Regina, Gal Costa, até chegar a Dilma Roussef, Carolina Maria de Jesus, Tina Turner, Dercy Gonçalves, Elza Soares, Dona Ivone Lara. Também se percebe uma mudança estética significativa. As primeiras camisas eram bastante rudimentares. Com a entrada de estudantes de Belas Artes e o acúmulo de experiências com tecidos, empresas de serigrafia e diferentes processos de produção, os desenhos foram se tornando mais elaborados. Entre erros e acertos, constituiu-se um saber prático que não apenas aprimorou a qualidade das estampas, mas também passou a incorporar a assinatura de quem as produzia. Em 2019, por exemplo, duas das camisas foram desenhadas por PV Dias, artista paraense já consagrado

internacionalmente. Destaco, ainda, a arte comemorativa dos trinta anos do *Fest*, criada por Pamela Simioni, ex-moradora do quarto 109. A composição representa a sala dos nossos quartos, um espaço compartilhado de convivência, e traz, sobre a mesa, um quadro com o desenho de Mary Brow, companheira que, embora não tenha estudado na Rural, teve seu filho como estudante e chegou a morar por um período no quarto. Mary havia falecido naquele mesmo ano em que comemorávamos o trigésimo *Fest*. A presença da imagem dela, junto à representação da nossa sala, confere à arte uma dimensão especialmente simbólica. Nesse desenho enxergamos afeto e vínculos que se constituem para além da experiência universitária, torna-se, assim, parte de uma narrativa coletiva de convivência.

Figura 4 - (1) Camisetas do evento Fest Girl em diferentes edições; (2) fotografia de 2011, durante o evento, com participantes segurando exemplares antigos utilizados na decoração; (3) artes produzidas por PV Dias para as camisas de 2019, com representações de Ivone Lara e Tina Turner; (4) estampa comemorativa da trigésima edição, em 2017, executada por Pamela Simioni, moradora que na época fazia o curso de Belas Artes da UFRRJ.



Fonte: Acervo da autora.

Para Rocha e Eckert narrar essas histórias é construir um patrimônio etnológico que se transforma em espaço afetivo e poético, lugar de destemporalização do tempo. Para as autoras, o espaço não é apenas um suporte físico; ele participa ativamente da

forma como os sujeitos sentem, lembram e constroem quem são. No caso do espaço urbano, e por extensão do alojamento universitário, o imaginário atua como força organizadora, oferecendo uma sensação de estabilidade identitária mesmo diante da instabilidade da vida social. A memória coletiva, nesse sentido, pertence ao domínio de uma função fantástica, insubordinada à ação corrosiva do tempo. É por meio dela que se torna possível o retorno aos tempos vividos e a construção de uma continuidade simbólica que organiza a descontinuidade das lembranças empíricas, assegurando à experiência humana uma sensação de permanência (ROCHA; ECKERT, 2013: 32). Assim, a memória coletiva constitui a base do sentimento de pertencimento, fundamental para a continuidade do corpo coletivo de uma comunidade urbana, fazendo das formas de vida social depositárias de sentido para seus habitantes. É nesse quadro que o alojamento se afirma não apenas como moradia, mas como corpo coletivo. As práticas cotidianas, regras, rituais, festas e desordens produzem sentidos compartilhados e sustentam processos de identificação. Como observam Rocha e Eckert (2013), o nosso eu interior descobre seu lugar no mundo ao participar da identidade de uma coletividade; toda identidade se concretiza por meio da participação na cultura, e os próprios conceitos de identidade e cultura emergem conjuntamente. No alojamento, aprendia-se a ser estudante, moradora, parte de um grupo, pertencimentos que não eram dados, mas negociados diariamente.

A organização do *Fest Girl* tornava visível esse processo. Articular um evento que, em geral, acontecia na CAUR, espaço de convivência e de eventos do Centro Acadêmico da Universidade Rural, e que, em algumas edições, precisou ser deslocado por diferentes impedimentos, exigia negociações, por vezes diretas até com a reitoria. Em uma dessas ocasiões, obtivemos autorização para realizá-lo em frente à prefeitura, dentro da própria Rural. Um processo de ocupação de espaços com festa. Reunir músicos, montar a estrutura e fazer tudo isso sem recursos financeiros, apoiando-se exclusivamente no chamado *sambarilove ruralino*[6], constituía um exercício coletivo de autonomia, articulação e de construção de uma identidade narrativa. Para que isso fosse possível, as histórias precisavam ser constantemente contadas e recontadas.

[6] *sambarilove ruralino* era uma expressão dada a ideia de um fazer-ruralino: uma mistura da malandragem carioca com a hospitalidade mineira, capaz de transformar improviso em competência e acolhimento em estratégia de sobrevivência. Uma espécie de superpoder social.

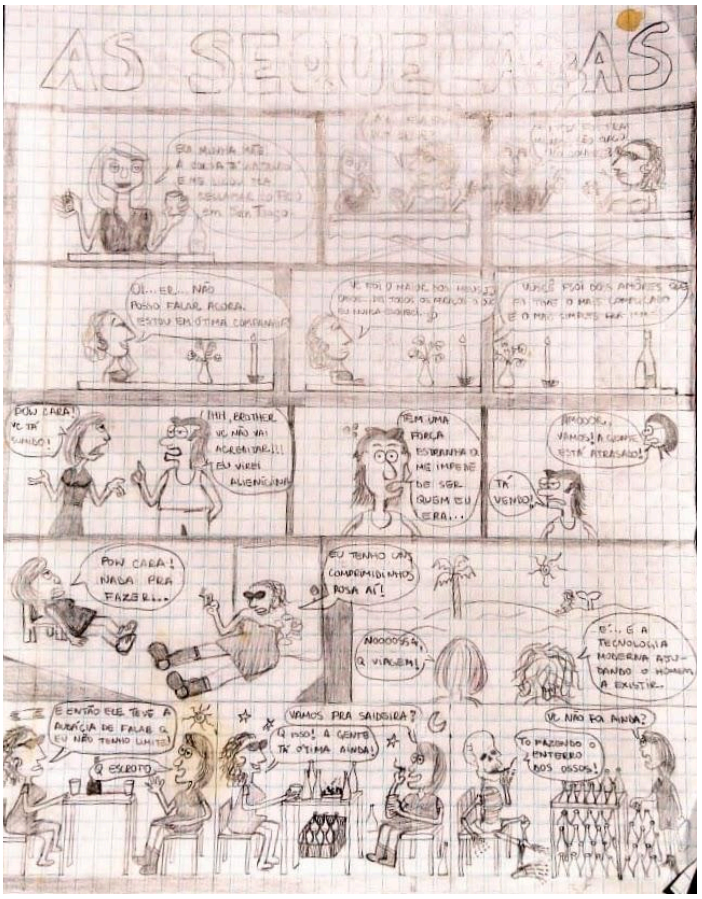
Figura 5 - (1) Registro do primeiro Fest Girl, realizado em 2005 no alojamento, cada quarto era um ambiente da festa; (2) e (3) fotografias de edições posteriores realizadas no CAUR.



Fonte: Acervo da autora.

Havia todo um folclore doméstico e a fabricação do comum através dessas festas ou excessos. Tudo operava como um sistema de histórias coletivo, no qual episódios vividos, mal compreendidos ou amplificados pela memória passavam a constituir referências identitárias. O *complexo* (como chamamos os três quartos) aparece, assim, como um território simbólico próprio com regras flexíveis, personagens recorrentes e uma ética interna. Como Verônica (ex moradora do 102) sintetiza: "*O complexo só atraía maluco, foi assim que fui parar lá*". Não se trata de autodepreciação, mas de reconhecimento: o "maluco" aqui é o sujeito que quer viver em outras regras, então, narrar era uma forma de existirmos juntas sendo esse ato de lembrar sempre coletivo. As histórias nunca vêm sozinhas: uma puxa a outra, corrige, exagera, acrescenta detalhes. "*Não sei quanto tempo exatamente se passou*"; "*Quer dizer, acho que foi assim*". A incerteza não enfraquece o relato, ela o fortalece. O esquecimento parcial é parte do estilo poético do grupo. Algumas dessas histórias viravam tirinhas cujo título era A*s sequeladas*, infelizmente, das primeiras tirinhas produzidas, temos apenas a primeira com conservação ruim.

Figura 6 - primeira tirinha: As Sequeladas desenhada. Data de 2010 e narrava ocasiões e piadas que aconteciam no cotidiano.



Fonte: Acervo da autora.

Mas as mais recentes consegui escanear algumas...como a do gato... um dia, apareceu uma menina da Bahia pedindo vaga no quarto. Discurso bonito, energia boa, *vibe flower power*. O detalhe: um gato no colo, recebendo carinho constante. Quando perguntaram onde o gato ficaria, ela respondeu com serenidade absoluta: *Ô flor, fica tranquila. Meu gato é reikiano.* Silêncio. Ela explicou que o gato era iniciado em Reik, que os fluidos dele eram curativos, e que, portanto, não haveria problema algum. No fim, indicaram um quarto pacifista e tudo deu certo. Mas a frase ficou. Durante meses, tudo no *complexo* passou a ser explicado com a sentença definitiva: "*não tem problema é fluido reikiano*".

Figura 7 - Tirinha do caso "gato reikiano", pertencente à série As Sequeladas.



Fonte: Acervo da autora.

O gato nos conecta a outro folclore o do *Resgate da Panela de Pressão*. Luar era um gato preto, que estava mal, então algumas meninas o acolheram, só que nosso quarto de alojamento não comportava um gato, era tudo muito fluido e aberto para um compromisso desse tipo e quando finalmente apareceu alguém para adotá-lo, a despedida virou comemoração. Pâmela chegou triunfante com duas garrafas de conhaque Presidente e uma Coca-Cola. Era um dia quente, fim de semana, o tipo de tarde que pede decisões ruins. Pois no final de semana, a Rural ficava extremamente vazia. Depois da primeira garrafa, alguém lembrou da panela de pressão. E da vassoura. Ambas presas no 102 fechado há dias, porque as moradoras tinham viajado. Olharam para a porta. Olharam uma para a outra. A ideia surgiu. Uma cadeira no corredor, um salto da Pâmela (nossa integrante paulista de belas artes e professora de ioga), e pronto: havia uma entrada improvisada pelo vão em cima da porta. A Débora, caiçara estudante de licenciatura do campo, tentou ir atrás, mas ficou entalada, uma perna no quarto, outra no corredor, o corpo suspenso entre o possível e o ridículo, as outras riam sem conseguir ajudar. A missão foi um sucesso. Panela resgatada. Vassoura salva. Farra comemorativa

feita com a panela como se fosse um troféu olímpico. No dia seguinte, a ressaca chegou acompanhada de hematomas épicos nas coxas da Débora.

Figura 8 - (1) Aquarela rápida feita no dia como provocação ao quarto 102 e (2) desenho da Flavinha segurando seu grande troféu: a panela de pressão! Naquele dia teve feijão.



Fonte: Acervo da autora.

Pensando sobre todas essas construções, Rocha e Eckert (2013) compreendem os espaços urbanos como portadores de uma dimensão fabulatória. Eles guardam mistérios, abrigam segredos e deixam o domínio da indiferença para se tornarem expressão do poder do pensamento. As cidades comportariam, assim, topologias fantásticas, reveladas pelos habitantes no ato de narrar, em uma dialética temporal na qual o tempo pensado e o tempo vivido se sobrepõem (ROCHA; ECKERT, 2013: 23).

Relato da Vanessa, Vav Floresteira, minha outra veterana junto da Julia,

> Eu conversei com a Lagarta (Fernanda), e ela me repassou a memória dela. Nesse sentido, ela deu a dica de conversar com várias amigas daquele período. Ela lembrou que realmente foi uma das fundadoras e que o Complexo, pelo que ela entende, começou na primeira festa, o primeiro fest girl, que surgiu a partir da comemoração dos aniversários das amigas que faziam aniversário antes de julho: ela mesma (Lagarta), Mary Brown (que não morava no quarto era mãe de um aluno mas frequentadora assídua) e Aurora. Havia ainda mais uma menina, cujo nome ela não lembra, e depois se

> juntou também uma aniversariante do 102. Assim, acabaram se reunindo os quartos 101, 102 e 109. Eu achava que eram apenas o 101 e o 109, mas não: foi essa junção que marcou o início, nesse momento de celebrar uma festa entre as aniversariantes. Houve também a participação de um daqueles amigos que a gente sempre tem, que esteve presente na história do Complexo, e que sugeriu o nome fest girl. Ela não lembra se foi o Dick, o Lulu ou o Bola 7, mas eu tenho a impressão de que foi o Dick. Enfim, eu não estava lá nesse momento. Depois, elas foram comemorar esse aniversário, e foi a partir daí que começou toda essa fraternidade dos quartos, que surgiu justamente através de uma festa de aniversário. Ela também comentou que participa de um grupo das veteranas mais antigas e que vai trocar essa ideia com as meninas de lá. A partir disso, a gente pode levantar os nomes, eu pedi os nomes da época, e seria interessante procurar essas pessoas e conversar com elas para resgatar as memórias. A partir desse conjunto de relatos, você consegue chegar a um consenso e tirar suas análises, sabe? É isso, Adri. Um beijo grande, espero que esteja tudo bem por aí. Saudade.

Nessa fala podemos ver vários indícios do que Halbwachs nos demonstra de como o tempo da memória é socialmente construído. Em nenhum desses relatos (e em muitos outros que sei contar com riqueza de detalhes) eu não estava. Mas sei desse saber compartilhado e de alguma forma isso molda também minha identidade. Nesse relato vemos que as próprias contadoras da história sugerem conversar com várias pessoas, fazem esforço pra lembrar, mas "*talvez não seja assim*", acabam contactando outras memórias, lembrando junto das situações, mas acreditam ser importante resgatar essas memórias. Foi assim também que Renata começou seu relato o qual irei esmiuçar mais abaixo...

> Oi, aqui é *Renatona*, eu fiz Floresta, morei na 101 de 1993 a 2000. Vou tentar lembrar um pouco do começo do *Fest Girl*, porque a memória já não está essa maravilha, né? Conversei com algumas pessoas e a gente estava na dúvida sobre o primeiro ano. Não sei se foi 2000 ou 2001, não tenho certeza.

A hesitação de Renata quanto ao ano de origem do *Fest Girl* evidencia que a memória não se apresenta como um arquivo individual estável, capaz de restituir o passado de maneira integral. "*Não sei se foi 2000 ou 2001*", afirma, depois de mencionar que conversou com outras pessoas sobre a questão. A lembrança é, assim, reconstruída na relação com aqueles que compartilharam a experiência. Mais do que

recuperar uma data exata, esse movimento da depoente revela a necessidade de recorrer ao grupo para recompor aquilo que permanece da experiência passada. Em termos halbwachianos, a memória individual encontra no grupo as referências que tornam possível sua reconstrução. Para o autor, há a necessidade de uma comunidade afetiva, pois a memória individual depende da memória coletiva e do vínculo com um grupo social. Ele exemplifica com uma viagem feita com amigos: algumas lembranças só existem em relação aos outros, enquanto outras, mais pessoais, surgem sem a participação deles. No entanto, mesmo essas memórias individuais se apoiam, de forma indireta, nas experiências compartilhadas e na estrutura do grupo. O autor enfatiza que, para que lembranças sejam efetivamente reconstruídas, não basta a recordação isolada; é necessário que haja um fundo comum de experiências e referências sociais, permitindo que as memórias individuais se conectem com as dos outros. (1990: 33-36)

> Sei que a gente começou a conversar a respeito um tempo antes, a fazer planos. Os meninos faziam festas na sacada, no corredor, festas com todo mundo, com as portas abertas e tal. Quando a gente fazia festa no quarto feminino, tinha que ser dentro do quarto, de porta fechada, para não incomodar ninguém. E, como o 101 sempre foi muito movimentado, sempre teve uma frequência intensa de gente, muitos amigos, muita gente, começou a ficar meio apertado. Aí, um dia, a gente estava conversando: "*Ah, por que a gente não tenta fazer uma festa no corredor, que nem os meninos fazem?*" E aí começou todo o processo. O que eu lembro é que a gente marcou numa sexta-feira, acho que era final de período, e avisou todas as moradoras. Juntamos os quatro quartos que eram mais próximos e de frente uns para os outros, o 101, 102, 109, 110. Fomos a todos os outros quartos, batemos em todas as portas, avisamos e marcamos a festa para uma sexta-feira. Tenho quase certeza de que era final de período, então não tinha tanta gente assim. E a gente fez a festa no corredor. Os quatro quartos ficaram com as portas abertas: a banda ficou no 109, a bebida acho que ficou no 101 ou no corredor... Não lembro de muitos detalhes. Eu vou procurar com mais calma. Sei que tenho essas fotos. E aí foi isso. A ideia era juntar os nossos amigos, a nossa galera, e fazer uma festa no corredor do feminino. Foi daí que surgiu o *Fest Girl*. O nome, inclusive, foi dado por um amigo. Uns dizem que foi um, outros dizem que foi outro. Não vou dizer exatamente quem foi porque não tenho mais essa certeza. Mas começou com alguém falando: "Ah, festa das meninas". "A festa das girls". E aí virou *Fest Girl* e ficou. A partir daí vieram as camisas. Eu já tinha me formado, mas trabalhava em São Paulo e sempre

> tinha o *Fest Girl*. Eu dava o meu jeito e ia pra Seropédica. E a gente criou aquilo justamente por conta dessa ideia de fazer uma festa no corredor feminino, porque os meninos podiam e a gente não podia, e deu super certo.

O espaço não é simplesmente cenário. O corredor, a sacada, os quartos e as portas abertas ou fechadas organizam diferenças entre grupos. Há uma memória de uma experiência feminina no alojamento que se constitui em relação a outro grupo, o masculino. A própria origem do *Fest Girl* aparece como uma resposta a essa diferença: *"Ah, por que a gente não tenta fazer uma festa no corredor, que nem os meninos fazem?", "os meninos podiam e a gente não podia"* Então, o *Fest Girl* também é uma apropriação de um espaço-prática. O corredor, passa a ser reivindicado pelas mulheres e com a ajuda dos amigos homens. Halbwachs demonstra que o espaço não é um suporte, ele recebe a marca do grupo e vice-versa. (HALBWACHS, 1990: 133). O corredor atua como a transição do quarto em direção aos outros espaços e sujeitos, acompanha, portanto, uma mudança na própria escala do grupo: o que antes se restringia ao âmbito privado do quarto passa a ocupar uma área compartilhada. O espaço físico participa ativamente da constituição dessa experiência coletiva e de sua posterior rememoração. Assim, a memória do *Fest Girl* conecta-se indissociavelmente ao lugar onde foi gestada, um ambiente que moldou, por décadas, a forma como as gerações seguintes de moradoras habitariam esse corredor de portas abertas.

Figura 9 - O corredor do F2 como espaço de convivência, no primeiro Fest Girl em 2000 e depois em diferentes momentos (e gerações) até 2019.



Fonte: Acervo da autora.

Renatona continua seu relato:

> Enquanto eu frequentei o *Fest*, que era a nossa galera, era no quarto. No décimo *Fest Girl* que eu fui, já foi na CAUR. Aí já mudou um pouco a configuração e perdeu a essência para mim. As meninas que estavam comigo também tiveram a mesma sensação. E, nesse décimo *Fest*, nós já fomos com as nossas crianças. A gente deixou as crianças dormindo na mala da Parati e a gente foi pra esbórnia *Fest Girl* na CAUR. Mas mudou muito, porque aí a festa abriu para a Rural inteira. Antes eram só os amigos do 101, do 109, do 102, do 110. Depois abriu para geral. Tinha cerveja vendida, pulseirinha, umas coisas que não eram exatamente o que a gente tinha pensado no começo. O que a gente tinha pensado era curtir com nossos amigos com mais conforto, com mais espaço, usando o corredor. E é isso.

Como já saliente, para Halbwachs, a permanência dos espaços ajuda a manter a continuidade dos grupos e de suas memórias. Mesmo quando as pessoas mudam, o espaço continua ali, guardando marcas das experiências vividas. Por isso, as mudanças no espaço também podem marcar diferentes momentos da história de um grupo. O autor mostra ainda que a memória coletiva está ligada aos lugares onde as pessoas vivem e convivem. Ruas, casas, bairros e outros espaços fazem parte das relações sociais e das lembranças construídas ao longo do tempo (HALBWACHS, 1990: 132-134). Essa ideia pode ser pensada também para o alojamento da Rural. Embora não seja uma cidade, o alojamento, com seus quartos, corredores, regras, grupos e formas próprias de ocupação, constitui um espaço institucional importante de convivência e de construção de tradições. As estudantes mudam, mas os hábitos podem permanecer enquanto outras estudantes tiverem contato com essas formas de pertencimento. Com esse mote sobre permanências e impermanências, podemos entender, com Halbwachs, como o sentimento individual vai se amalgamando ao espaço. Seguindo com o relato da Renatona:

> O 101 é maravilhoso. Tenho ele tatuado. Foi uma das melhores épocas da minha vida. A gente era muito, muito feliz no quarto. Quando eu entrei, eu peguei três gerações de 101. Quando eu entrei, as minhas veteranas foram saindo, aí a mulherada que foi meio que entrando comigo e depois que as minhas veteranas saíram e ainda peguei as *bichos*, ainda um pedacinho, porque eu morava em Seropédica depois de formada. Morei em Seropédica um tempo, então convivi com a galera durante um bom período. Quando eu

> entrei, a gente tinha cozinheira para fazer a nossa comidinha. A gente *rachava* tudo. Tudo no 101 era dividido. Toda a comida era dividida, os armários sempre foram abertos. Nunca teve cadeado em armário, tranca em geladeira, nome em pote, nada disso. A gente sempre dividiu tudo. E sempre funcionou super bem. A gente era bem chato para deixar alguém entrar. A gente tinha as nossas avaliações. Não era fácil morar no 101, mas era muito bom. E eu espero que continue para todo sempre, que o *Fest Girl* continue. E é isso. Eu resumi num podcastzinho básico. Beijos para todas.

"*O 101 é maravilhoso. Tenho ele tatuado*." A fala de Renata sintetiza como o corpo atua como extensão do espaço físico: o quarto não é apenas lembrado, mas verdadeiramente incorporado. Ele opera como o que Halbwachs (1990, p. 142) conceitua como quadro espacial, um suporte relativamente estável no qual relações, práticas e afetos se sedimentam. São as vivências tecidas naquele espaço que o tornam memorável. "*Quando eu entrei, eu peguei três gerações de 101* [...]*as minhas veteranas foram saindo, aí a mulherada que foi meio que entrando comigo e depois que as minhas veteranas saíram e ainda peguei as bichos...*" O quarto é uma moldura de continuidade entre gerações, permitindo que diferentes turmas se percebam como parte de uma mesma história social.

Ademais, o espaço material inscreve uma forma específica de organização coletiva e solidariedade cotidiana: "*Tudo no 101 era dividido. Toda a comida era dividida, os armários sempre foram abertos. Nunca teve cadeado em armário, tranca em geladeira, nome em pote, nada disso.*" Aqui aparece algo que o autor permite perceber muito bem: o espaço material incorpora uma determinada forma de organização social. (HALBWACHS, 1990, p. 134-135). Armários abertos, ausência de cadeados, comida compartilhada, sem nomes nos potes: são objetos e práticas materiais que expressam uma determinada relação entre os moradores. O interessante é que Renatona não precisa explicar teoricamente o que era aquela comunidade. Ela a descreve através de suas coisas. A memória do 101 é também uma memória de seus objetos e de suas formas de uso. Essas características aparecem como indícios de uma determinada organização coletiva.

"*A gente tinha as nossas avaliações*" a comunidade, mesmo que afetiva, não era simplesmente harmônica. Esse trecho impede uma romantização do 101: "*A gente era bem chato para deixar alguém entrar. A gente tinha as nossas avaliações. Não era fácil*

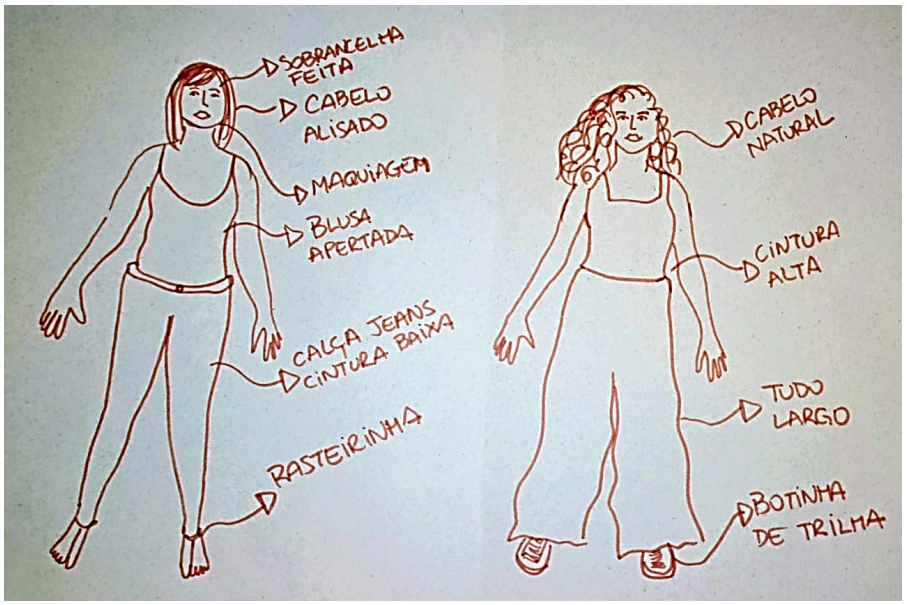
morar no 101, mas era muito bom." O grupo era acolhedor internamente, mas tinha mecanismos de seleção e controle de pertencimento. O sentimento de pertencimento não eliminava as fronteiras; ele dependia delas. O "nosso" implica um "fora. "*A gente era bem chato para deixar alguém entrar*", afirma. A mesma abertura interna descrita pela ausência de cadeados e pela partilha dos bens coexistia, portanto, com uma separação anterior a quem iria aderir aqueles costumes.

Organização moral da casa

Para Halbwachs (1990) e Rocha e Eckert (2013), tempo e espaço são fundamentais para a memória, pois são eles que organizam os quadros sociais nos quais as lembranças se fixam. Ao lembrar, as pessoas criam tempos e espaços específicos ligados à experiência vivida, e é nesse processo que a memória coletiva se forma, reunindo acontecimentos compartilhados. "A vida urbana é descrita pelos sujeitos-personagens que narram as suas experiências cotidianas nas cidades modernas, superpondo os tempos imaginados a partir de um fragmento vivido" (Rocha e Eckert, 2013: 29). Nesse sentido, os espaços podem ser interpretados por meio de suas "regiões morais" e "províncias de significado", reveladas pelas falas e pelos itinerários cotidianos de seus habitantes (Rocha e Eckert, 2013: 220). O tempo da memória é elaborado a partir das identidades, redes e instituições mediadas pelo cotidiano. O esquecimento ocorre quando essas relações se rompem ou quando determinadas ideias deixam de ter importância para a ação coletiva. A memória do *Fest Girl* narrada por Renatona não se organiza em torno de uma festa, mas em torno de uma comunidade e dos espaços que essa comunidade ocupou. O que aparece como uma história de festas é, nesse relato, uma história de deslocamentos: do quarto para o corredor, do corredor para a CAUR, da "*nossa galera*" para a Rural inteira. A transformação espacial acompanha a transformação do grupo e, consequentemente, transforma também aquilo que pode ser reconhecido como a "essência" da experiência. Mesmo com todos os excessos narrados anteriormente, era o cotidiano que nos moldava, silencioso e persistente. Nas roupas que usávamos, nos modos de compartilhar ideias, nos objetos que ocupavam o espaço comum. Como lembra Reinheimer (2026), objetos, roupas e ambientes domésticos constituem estilos de vida, mediando relações, identidades e performances coletivas. No

alojamento, a ausência de TV, o sofá vermelho que, no início, me parecia horroroso e que depois passei a achar deliciosamente almodovariano[7], o café que eu tomava *melado* e, aos poucos, aprendi a tomar sem açúcar, e até a fase em que todas se tornaram vegetarianas faziam parte das nossas formas de sociabilidade. Pequenos rituais incorporados gradualmente ao folclore interno. A vestimenta *pouco arrumada* assumia uma dimensão ritual e performativa, capaz de sinalizar pertencimento, tanto geracional quanto político.

Figura 10 - banho de alojamento! Em menos de um semestre eu desfilava um novo estilo (ainda bem) pelos bosques da rural.



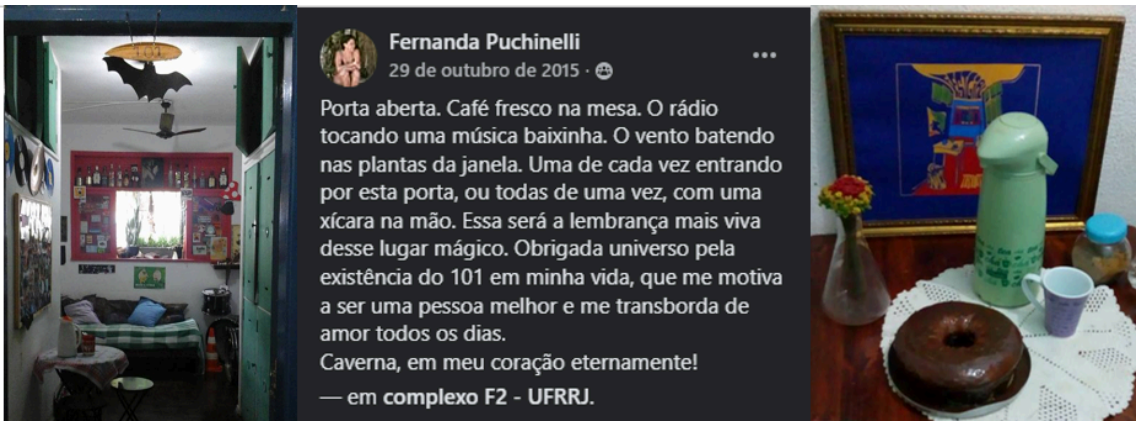
Fonte: Acervo da autora.

Um exemplo dessa formação cotidiana são as lembranças nostálgicas com o café. Nas narrativas do complexo, o café não aparece como um simples hábito alimentar, mas como um marcador simbólico capaz de condensar tempo, espaço e relações sociais. Ele surge como imagem de desejo e de retorno imaginado a um recinto comum: "*eu queria agora estar ouvindo vinil no 109, o Lucas apertando um cigarro pra nós, rolando um rango gostoso no 102, um café quentinho saindo no 101…*". A enumeração de lugares, pessoas e gestos revela que o café não está isolado; ele compõe uma cena coletiva, sensorial e afetiva. Esse tipo de evocação provoca respostas

[7] é uma referência ao cineasta espanhol Pedro Almodóvar, conhecido pelo uso de cores saturadas e contrastantes, cenários intensos e uma estética visual marcada pelo excesso e pelo drama.

corporais e emocionais imediatas, a memória do café é sentida no corpo. Esse ritual está inserido em uma dinâmica de circulação contínua de pessoas: "*aquele entra e sai de gente falando pra caramba… alguém voltando com paiero do padeiro*[8]*, alguma criança chorando no corredor*". Nesse fluxo, o café funciona como ponto de ancoragem, algo que permanece enquanto tudo se move. Mesmo figuras periféricas à convivência íntima, como o segurança, são incorporadas ao ritual: "*o guarda vindo comer bolo e elogiar o som maneiro*". O café, sempre convidativo, dilui fronteiras entre "dentro" e "fora" produzindo uma sociabilidade ampliada. Todos sabiam que podiam passar no complexo para tomar *um cafezin*. A memória coletiva se fortalece também pela partilha do que não foi vivido por todos igualmente. Amandinha, que dorme enquanto a noite acontece, acorda integrada ao grupo por meio do café: "*dormiu na festa e acordou tomando café com a gente perguntando o que rolou durante a noite*". O café atua, aqui, como dispositivo narrativo, permitindo que as experiências circulem e se tornem comuns, mesmo para quem não esteve presente em todos os momentos. Fazer café torna-se, assim, sinônimo de cuidar da rede. O momento partilhado exige presença, assim como outras práticas do grupo.

Figura 11 - (1) Foto do 101 mostrando a mesa com garrafa térmica de café e porta aberta para o corredor, evidenciando a permeabilidade entre espaço privado e coletivo; (2) relato de Fernanda, ex-moradora do alojamento 101, publicado em rede social em 2015; (3) Foto da mesa do 109, com quadro que é o teste de impressão de estampa produzido por Pamela em 2017.



Fonte: Acervo da autora.

[8] Figura mítica que ficava no corredor do alojamento masculino vendendo bala, cigarra e biscoito. Ironicamente, não vendia pão.

Conclusão

Talvez seja possível dizer, ao fim, que a casa, este conjunto de paredes, objetos, vozes e silêncios, não abriga vidas, mas as fabrica lentamente. No *Complexo*, tornar-se parte do espaço significava aprender seus ritmos, reconhecer os gestos mínimos que, dia após dia, davam forma a um modo particular de estar junto. Assim, seguindo Reinheimer (2023), compreende-se que a identidade não se instala de uma vez, nem se impõe; ela se infiltra, discreta, no corpo e na memória, enquanto se compartilham cafés, roupas, horários, incômodos e afetos. Pertencer, ali, era uma prática contínua, uma disposição para viver segundo a cadência que a casa sustentava. A exclusão de certas pessoas, seja por escolha própria, seja pela recusa do grupo, não representa apenas a saída de um espaço físico, mas a perda do direito de participar da narrativa comum que aquele lar produz sobre si mesmo. Trata-se, portanto, de uma dimensão ética e performática do cotidiano.

A memória, como nos lembra Halbwachs (1990), não repousa no interior isolado de cada sujeito. Ela se apoia nos outros, nos lugares, nos hábitos compartilhados, no caso do *Complexo*, o tempo não se organiza em linhas retas, mas em retornos: lembranças que reaparecem, cenas que se sobrepõem, fragmentos que insistem. O vivido e o pensado se misturam, e é nessa mistura que a experiência ganha espessura. Rocha e Eckert (2013) nos ajudam a perceber que esses espaços são também lugares de fabulação. O Complexo, assim como a cidade, transforma-se em território imaginado, tecido por narrativas que excedem sua materialidade. As histórias do *Fest Girl* revelam como o ordinário se torna simbólico, e como, a partir do cotidiano, os sujeitos produzem sentidos duráveis sobre quem foram e sobre quem se tornaram. Mesmo depois do fim do espaço, algo dele permanece: uma forma de lembrar, de narrar, de reconhecer-se. É nessa duração sutil, feita de restos, afetos e repetições, que o *Complexo* continuará a existir.

Figura 12 - Fotografias na escada de entrada ao F2: (1) registro durante o primeiro Fest Girl, em 2000; (2) imagem realizada no dia seguinte à última edição do evento, em 2023.



Fonte: Acervo da autora.

Referências

DA COSTA SILVEIRA, Ana Lúcia. *A profissionalização ilusória das massas: o Reuni e a UFRRJ como exemplos*. O Social em Questão, Rio de Janeiro, n. 25/26, p. 303-321, 2011.

DE MATTOS, Kaiza Binotti; CESAR, P. H.; FRANK, F. B.; VERAS, O. do N.; MOREIRA, S. A. *Hospitalidade pública no alojamento estudantil da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro*. Revista DELOS, s.l., v. 18, n. 63, p. e3802, 2025. Disponível em: https://ojs.revistadelos.com/ojs/index.php/delos/article/view/3802. Acesso em: jan. 2026.

DO NASCIMENTO, Patrícia Lima. *Trabalho, educação e assistência estudantil: reflexões sobre o convívio discente no alojamento universitário e seus desdobramentos na permanência acadêmica.* Humanidades & Inovação, Palmas, v. 6, n. 9, p. 197-201, 2019.

DOUGLAS, Mary. *The idea of a home: a kind of space*. Social Research, New York, v. 58, n. 1, p. 287-307, 1991.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. *A narrativa e a captura do movimento da vida vivida.* Iluminuras, Porto Alegre, v. 47, p. 1-18, 2002. Disponível em: http://www.iluminuras.ufrgs.br/artigos/2004-09-movimento-da-vida-vivida.pdf. Acesso em: jan. 2026.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo, Revista dos Tribunais, 1990.

INGOLD, Tim. Estar vivo. *Ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Editora Vozes, Rio de Janeiro, 2015.

OLIVEIRA, Olivia Chaves. *Política de cotas e modificações no perfil socioeconômico e cultural do estudante da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.* In: LOPES, Laura Corsini; SOUZA, Josaviera de; RODRIGUES, Dorie Edson do Socorro (org.). Educação como prática de liberdade: políticas, trabalho e educação. Manaus, FUA; ANPED, 2022. p. 173.

REINHEIMER, Patricia. *Identidade nacional como estratégia política*. Mana, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 153-179, 2007.

REINHEIMER, Patricia. *Os tecidos de Olly e alguns vestígios da urdidura na tecelagem do mundo.* dObra[s] – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda, [S. l.], v. 19, n. 46, p. 116–137, 2026. DOI: 10.26563/dobras.v19i46.1980. Disponível em: https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/1980. Acesso em: 23 set. 2026.

REINHEIMER, Patricia et al. (org.). *Desenhando coisas e afetos: a casa que construímos, a casa que nos constrói*. 1. ed. Florianópolis, Renunciado Publicações, 2023.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. *Etnografia da duração: antropologia das memórias coletivas em coleções etnográficas*. Porto Alegre, Marcavisual, 2013.